

SER ENQUANTO SER: ACERCA DA FILOSOFIA PRIMEIRA DE ARISTÓTELES¹

BEING WHILE BEING: ABOUT ARISTOTELE'S FIRST PHILOSOPHY

Juliano Dutra²
Carlota Maria Ibertis³

RESUMO

Neste trabalho, busca-se compreender o significado de “ser enquanto ser” da metafísica aristotélica. No presente texto, portanto, analisa-se a expressão “ser enquanto ser” e explicitam-se alguns dos elementos que permitem caracterizar o caminho feito por Aristóteles. Conclui-se que, ao buscar as características fundamentais para discorrer sobre a existência, Aristóteles utiliza o que comumente se chama de abstração: processo pelo qual alguns elementos (aqueles que se querem estudar) são retidos por meio de uma técnica própria, estando isso, por sua vez, expresso em enunciados que omitem os aspectos secundários em vista do fim pretendido. Assim, quando ele afirma que a metafísica estuda o “ser enquanto ser”, refere-se às coisas que existem *enquanto existem*; ele está se ocupando das características relevantes para dizer da existência das coisas.

Palavras-chave: Aristóteles, metafísica, ser enquanto ser, abstração.

ABSTRACT

In this work the meaning of being while being from the Aristotelian metaphysics is intended to be understood. Thus, in the present text, the expression being while being is analyzed and some of the elements which allow characterizing the path traced by Aristotle are explained. It is concluded that, by seeking the fundamental characteristics to reason the existence out, Aristotle uses what is commonly called abstraction: the process by which some elements (those aimed to be studied) are retained by means of a unique technique which, in turn, is conveyed in statements that omit secondary aspects considering the intended purpose. Therefore, when he affirms that the metaphysics studies being while being, he refers to the things which exist while they exist; he is dealing with the relevant characteristics to tell of the existence of things.

Keywords: Aristotle, metaphysics, being while being, abstraction.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmico do Curso de Filosofia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

INTRODUÇÃO

No conjunto de todo o corpo aristotélico, destaca-se uma obra que, em virtude de sua compilação, séculos mais tarde, ficou conhecida como *Metafísica*. Aristóteles, entretanto, chama esta investigação de Filosofia Primeira. Uma leitura atenta dessa obra revela diferentes definições de metafísica ou de Filosofia Primeira, que aparecem no decorrer do texto.

Nas primeiras páginas da *Metafísica*, livro primeiro (A 980 a983a20), temos a definição de Filosofia Primeira como a ciência das causas e dos princípios supremos das coisas. Em seguida, no livro quarto (Γ 1, 1003 a 21s), o Filósofo a define como a ciência do *ser enquanto ser* e dos atributos que lhe pertencem enquanto tal. Posteriormente, no livro décimo-segundo (Λ 1069 a 18), ele a define como ciência da substância. E ainda, nos livros sexto ((E 1, 1026 a 19) e décimo-primeiro (K 7, 1064 b 3), a investigação metafísica é definida como teologia.

Certamente, cada uma dessas definições e as possíveis relações e interdependências existentes entre elas são um campo vasto e fascinante de pesquisa. Entretanto, este estudo, seguindo os pressupostos da pesquisa bibliográfica, ocupar-se-á somente em analisar o significado da expressão “ser enquanto ser” que constitui o cerne da segunda definição de metafísica dada por Aristóteles.

Nosso trabalho, portanto, num primeiro momento, buscará explicitar alguns dos elementos em torno da expressão “ser enquanto ser”; após isso, apontará algumas noções que permitem dizer que o caminho feito por Aristóteles é o que, comumente, chama-se de abstração, iniciaremos com uma analogia com a filosofia aristotélica da matemática, apresentando, depois, as características de uma verdadeira abstração para, em seguida, analisar a expressão aristotélica “ser enquanto ser” (decompondo, primeiramente, os termos para, em seguida, discorrer sobre a expressão como um todo). No ponto central, compararemos os comentadores de Aristóteles, a saber: Lear, Barnes e Reale, para chegar numa interpretação plausível que, possivelmente, é coerente com as diferentes definições de metafísica. Ela não é, necessariamente, a melhor, estando, inclusive, aberta a novas interpretações.

A relevância da discussão que busca analisar os termos da expressão aristotélica “ser enquanto ser”, pretendendo compreendê-la como um todo, talvez resida no fato de que esta abordagem permite distinguir alguns dos elementos fundamentais da filosofia aristotélica: sua singularidade (como ciência do ser) e diferença (ponto de partida), se comparada a de Platão, por exemplo.

ACERCA DA EXPRESSÃO: SER ENQUANTO SER

Numa primeira aproximação ao texto aristotélico que trata da definição de metafísica como a ciência do ser surgem algumas dificuldades referentes a distintas traduções do texto grego. G. Reale, por exemplo, traduz a definição de metafísica como “ciência que considera o ser enquanto ser” (ARISTÓTELES, 2002b, p. 131); entretanto, usa também, no seu comentário à obra aristotélica, a expressão “realidade enquanto realidade” (ARISTÓTELES, 2002c, p. 151) para salientar o objetivo da investigação metafísica. Na tradução portuguesa, da Editora Globo (1969, p. 87), a metafísica é a ciência que estuda o ser como ser. Já Bittar traduz a metafísica como a “ciência que estuda o que é enquanto algo que é” (2003, p. 889). Na edição trilingüe (grego, latim e espanhol), Yebra, por sua vez, fala da metafísica como a “ciencia que contempla el Ente en cuanto ente” (ARISTÓTELES, 1990, p. 150) e Barnes traduz à língua inglesa a passagem da metafísica como ciência dos “beings qua being”, isto é, dos existentes enquanto existentes (1995, p. 69).

Há, portanto, divergências quanto aos termos vernáculos correlativos ao texto grego. E a forma de traduzir acarreta conseqüências teóricas. Os termos usados visam a realçar os aspectos, tidos pelo tradutor, como mais importantes. Neste trabalho, entretanto, mais particularmente, serão analisadas as traduções dos termos como “ser” (Reale, Lear) e como “ente” ou “existentes” (BARNES, 2001). Algumas traduções da fórmula, como se verá adiante, são mais ou menos abstratas. Uma análise deste caráter é importante porque o que está em jogo é a definição de Filosofia Primeira⁴. A pergunta que desafia é a de saber qual era a intenção real de Aristóteles ao delimitar o objeto da Filosofia Primeira como sendo a investigação que trata do “ser enquanto ser”. Dessas dificuldades emergem novos problemas, a saber: quais são os reais significados dos termos da expressão? O que significa o primeiro “ser” da fórmula? E o segundo? E ainda, qual o papel do termo “enquanto” no contexto da definição? Uma resposta inicial poderia considerar o primeiro “ser” da expressão como equivalente às diversas acepções que o ser aristotélico comporta (ser como acidente, ser como ato e potência, ser como verdadeiro e não-ser como falso e, ainda, ser como substância); assim, o “enquanto ser” especificaria o sentido mais importante do “ser”: o ser como substância.

⁴ Aristóteles chama “Filosofia Primeira” (ou sapiência) para denominar a investigação que hoje comumente se chama de “metafísica”. Entretanto, o termo “metafísica” foi cunhado a partir da compilação das obras do Estagirita atribuída a Andrônico de Rodes (séc. I a.C.) e que se encontra também em Nicolau de Damasco, seu contemporâneo. Ela seria, assim, o que vem depois (meta) do estudo da natureza (física). Lear (1994, p. 280, nota 63) não crê que o significado do termo “metafísica” seja tão simples assim e, se o for, segundo ele, isso expressa o fato de que o compilador foi profundo conhecedor da investigação aristotélica e tinha razões para assim dispor as obras. A tradução portuguesa, feita por MORA (2001a, p. 1943-1944), do termo “metafísica” é *tá meta tá physiká* (“os que estão atrás da física” ou, mais exatamente, “as coisas que estão atrás das coisas físicas”).

Entretanto, um raciocínio semelhante, de modo inverso, também poderia ser feito. O primeiro “ser” poderia corresponder ao ser-substância e o “enquanto ser” denotaria, então, as acepções mencionadas do ser de Aristóteles. Na primeira resposta, professar-se-á um “afunilamento” do mais abrangente ao mais específico e, na segunda, será o contrário. As respostas, entretanto, demonstram certa instabilidade visto não haver critérios seguros, numa primeira aproximação, para optar por uma posição em detrimento à outra. Essa instabilidade pode ser compreendida no sentido de que, ao tentar delimitar o objeto de estudo da referida ciência, já estejam pressupostos os conceitos que vão ser desenvolvidos por essa mesma investigação. Assim, é razoável a tentativa de resolução da questão que segue.

Uma outra resposta a essa problemática poderia afirmar que o primeiro “ser” da fórmula se refere a todas as coisas existentes e o “enquanto ser” demonstra o modo como essas coisas são estudadas, ou seja, apenas *enquanto* existentes. Nesta investigação, buscar-se-ão elementos relevantes *à existência enquanto tal*, o que, em última análise, é abordar o tema da substância⁵.

DELIMITANDO O OBJETO DE ESTUDO: UMA ANALOGIA COM A MATEMÁTICA

O itinerário feito por Lear, para compreender melhor o significado da expressão que define a Filosofia Primeira de Aristóteles, começa a partir de elementos da filosofia aristotélica da matemática. O objetivo de Aristóteles é investigar a ampla estrutura da realidade e, assim procedendo, ele teve que esclarecer o papel da matemática nessa investigação. A tese de Platão era que os objetos matemáticos existiam em um mundo separado. Existiam os objetos matemáticos ideais – que sendo formas e números puros – existiam separadamente do mundo físico, do mundo das sombras.

Afastando-se de seu mestre, Aristóteles argumenta que não há um mundo separado no qual os objetos matemáticos existem. “A matemática [...] ocupa-se diretamente dos objetos mutáveis do mundo natural [...] O matemático não difere do físico, diz Aristóteles, nos objetos que estuda, senão no modo em que os estuda” (LEAR, 1994, p. 262)⁶. Ao proceder sua investigação, o matemático ocupar-se-ia do mundo em constante mudança, é, entretanto, no modo como “secciona” a natureza para estudá-la que difere do físico e, por conseqüência, do filósofo. Observando o mundo que muda,

⁵ Uma das grandes tendências do filosofar grego “... se caracteriza por uma propensão inquisitiva própria do conhecimento científico, ou do “conhecer” em geral, que implica numa peculiar ontologia acompanhada de teoria do conhecimento. Ela é, nesse sentido, “epistémé”, uma perícia cognoscitiva racional aplicada a campos diversos” (SPINELLI, 1990, p. 43).

⁶ “La matemática [...] se ocupa directamente de los objetos cambiantes del mundo natural [...] El matemático no difiere del físico, dice Aristóteles, en los objetos que estudia, sino en el modo en que los estudia” (LEAR, 1994, p. 262).

ele busca os elementos matemáticos que são imutáveis. Esclarecendo as diferenças entre as investigações do matemático e do físico, Aristóteles afirma que se deve considerar

[...] em que difere o matemático do físico, uma vez que os corpos naturais possuem superfícies e volumes, linhas e pontos, coisas todas estas que caem dentro do campo de estudo do matemático [...] Destas coisas, pois, também trata o matemático, mas não enquanto cada um desses seres pode ser ou é término dos corpos naturais, e tampouco observa e considera seus acidentes de coisas de tal gênero determinado; portanto, estabelece nelas uma separação, já que as coisas que estão sujeitas a mudança são separáveis por meio do entendimento (ARISTÓTELES, 1964, p. 589)⁷.

A filosofia aristotélica da matemática salienta, portanto, que é nos corpos físicos que se encontram os temas matemáticos (superfícies, volumes, etc.) da geometria. A matemática então estudaria esses temas, porém, considerando-os apenas *enquanto* temas (no caso, superfícies, volumes, etc) e não como características de determinados corpos físicos. Os objetos particulares dos quais provém o estudo matemático não são considerados na investigação matemática. E mais, a matemática considera esses temas separadamente dos corpos físicos de que provém, mas essa separação não é de um modo platônico (existindo num mundo ideal, separado do físico). A separação é realizada somente no pensamento, na realidade, não há como separar os temas matemáticos dos corpos físicos de que são provenientes (cf. LEAR, 1994, p. 262-263).

A filosofia aristotélica da matemática estudaria uma “fatia” da realidade e, isso equivaleria, no caso, às superfícies, volumes, etc.. A peculiaridade distintiva da abordagem física da abordagem matemática residiria no modo de proceder da investigação. O físico estuda a natureza e suas mudanças, já o matemático, para fins de estudo, supõe separado o que, na verdade, não está. Considera imutável o que se dá em seres mutáveis.

A matemática estuda as superfícies, os volumes, etc., somente, *enquanto* superfícies ou volumes. Essa peculiaridade de abordagem e do objeto é o seu diferencial. Ross esclarece:

⁷ [...] en qué difiere el matemático del físico, ya que los cuerpos naturales poseen superficies y volúmenes, líneas y puntos, cosas todas estas que caen dentro del campo de estudio del matemático [...] De estas cosas, pues, también trata el matemático, pero no en cuanto cada uno de estos seres puede ser o es término de los cuerpos naturales, y tampoco observa y considera sus accidentes de cosas de tal género determinado; por tanto, establecen en ellas una separación, ya que las cosas que están sometidas a cambio son separables por medio del entendimiento (ARISTÓTELES, 1964, p. 589).

Consideremos as coisas sensíveis simplesmente como possuindo limites de uma determinada forma, e estaremos considerando os objetos da Geometria. Mas é possível fazer ainda uma abstração de grau mais alto. Não somente se pode abstrair a “matéria sensível” das coisas sensíveis, mas também “a matéria inteligível”, isto é, a extensão, dos objetos geométricos, e chegar-se-á então à essência da linha reta, do círculo, etc., isto é, ao princípio de acordo com o qual são construídos (1969, p. 6).

Para se chegar ao objeto da matemática, segundo Ross, é preciso proceder abstrativamente. E a abstração então, primeiramente, deixa de lado “a matéria sensível”, depois, “a matéria inteligível”; assim, o fim desse processo é a essência, no caso, dos entes matemáticos. Portanto, em vista do fim desejado, procede-se de tal forma que os elementos que não interessam são deixados de lado, não sendo, entretanto, negados.

ABSTRAÇÃO: O CAMINHO DA METAFÍSICA

O posterior procedimento analítico em torno da expressão, “ser enquanto ser”, pressupõe o aprofundamento de alguns dos elementos que compõem o caminho feito por Aristóteles para chegar ao objeto da metafísica. Esse procedimento é tradicionalmente de abstração. Para percorrer esse caminho, serão apresentados os critérios postos por Angelelli, colocando, em seguida, aqueles fornecidos por Allan para, por fim, esboçar uma possível relação entre ambos.

Quando se defronta com a natureza, isto é, as coisas existentes, o investigador metafísico se depara com a diversidade; o ponto de vista sob o qual ele considera as coisas é, precisamente, o das características da coisa que é relevante para sua *existência*, ou seja, estudá-la na sua condição existencial (BARNES, 2001, p. 46).

Num artigo, *Abstracción y pseudo-abstracción en la historia de la lógica*, Ignacio Angelelli estabelece quatro bases ou critérios para definir uma abstração como verdadeira, são eles: 1) ser uma abstração genuína, ou seja, uma operação intelectual que, na consideração das coisas, retém algo e deixa algo de lado; 2) ocultar, nos enunciados, aquilo que não lhe interessa na investigação, ou seja, o processo abstrativo é em nível lógico-lingüístico; 3) ser um estudo empreendido, segundo um sistema ou uma técnica, e 4) também haver uma tentativa de elucidação da natureza da abstração (ANGELELLI, p. 1-3). A partir desses quatro elementos, poderia se distinguir, segundo Angelelli, entre uma abstração e uma pseudo-abstração. No seu estudo, Angelelli percorre a história da lógica (filosofia) para dizer

que talvez tenha faltado a Aristóteles somente um estudo sobre a natureza da abstração.

Em relação às quatro pautas avaliativas, na tradição aristotélico-escolástica, que é mais ou menos como dizer abstração clássica (já que entre os aristotélico-escolásticos, nestes temas, incluo, por exemplo Descartes, Locke, Berkeley), temos, 1) é óbvio, abstração em sentido genuíno (nada de pseudo-abstrações, como no século XX), 2) clara consciência de que a abstração reflete-se em enunciados verdadeiros que repentinamente, sob a abstração, ficam em suspenso ou “ocultos” (“abstrahentium non est mendacium”: os que abstraem não mentem, isto é, não dizem que essa bela árvore não tem folhas verdes), 3) técnicas sistemáticas abstrativas (por exemplo a “reduplicação”, ou seja o uso de frases como “qua”, “enquanto”, que têm o efeito de filter out, como muito bem diz Lear, aos predicados de que se quer abstrair), mas, 4) não parece haver especial interesse em descrever a natureza do produto da abstração” (ANGELELLI, p. 4)⁸.

Todavia, a falta da quarta base não faz com que a técnica abstrativa aristotélica seja tida por pseudo-abstração. A esses elementos, postos por Angelelli, colocam-se aqueles que, na perspectiva de Allan, validam o procedimento aristotélico. Ele afirma:

Aristóteles fala de uma ciência verdadeiramente viva e disponível; esta ciência é contemplativa e não prática na sua intenção, mas contemplativa de uma forma que não exclui um processo intelectual, já que há que proceder-se a uma demonstração de atributos do Ser [...] O significado a atribuir a uma análise do “Ser enquanto Ser” é obviamente mais controverso. As palavras gregas implicadas não significariam naturalmente que o filósofo obtém por abstracção uma idéia geral de ‘entidade’, do modo como, de acordo com Locke, se formam as ideias gerais abstractas a partir de impressões sensoriais e faz desta abstracção o conteúdo de proposições. A ajuizar pelo próprio

⁸ En relación a las cuatro pautas evaluativas, en la tradición aristotélico-escolástica, que es más o menos como decir abstracción clásica (ya que entre los aristotélicos-escolásticos, en estos temas, incluyo, por ejemplo Descartes, Locke, Berkeley), tenemos, 1) por supuesto, abstracción en sentido genuíno (nada de pseudo-abstracciones, como en el siglo XX), 2) clara conciencia de que la abstracción se refleja en enunciados verdaderos que de pronto, bajo la abstracción, quedan en suspenso u “ocultados” (“abstrahentium non est mendacium”: los que abstraen no mienten, es decir, no dicen que ese hermoso árbol no tiene hojas verdes), 3) técnicas sistemáticas abstrativas (por ejemplo la “reduplicación”, o sea el uso de frases como “qua”, “en cuanto”, que tienen el efecto de filter out, como muy bien dice Lear, a los predicados de que se quiere abstraer) pero, 4) no parece haber especial interés en describir la naturaleza del producto de la abstracción” (ANGELELLI, p. 4).

procedimento subsequente de Aristóteles, o que este último tinha em vista é, antes, uma visão global ou compreensiva de Ser – do que é substancial, mais que tudo o que lhe está indissolivelmente ligado – na sua totalidade inquebrantável; cada uma das partes será concebida como um modo de ser e não doutra forma qualquer, por exemplo como algo que se move (este é o significado das palavras adicionais “enquanto Ser”) (ALLAN, 1983, p. 91 - grifo nosso).

Allan parece compreender “ser” do “enquanto ser” como um termo que designa o geral e, por isso, é o “Ser”, com maiúscula; também o compreende como uma noção de ser-substância. Haveria então espaço nesta noção “compreensiva de ser” para o processo abstrativo de que fala Angelelli? O que significa dizer que as “[...] técnicas sistemáticas abstrativas (por exemplo, a reduplicação, ou seja, o uso de frases como “qua”, “enquanto”, [...] têm o efeito de filter out, como muito bem disse Lear, dos predicados que se quer abstrair (ANGELELLI, p. 4)⁹ Ou então: pelo processo de abstração se *filtra* o que a metafísica investiga, a saber, *a* existência?

Convém esclarecer alguns pontos desse problema. As técnicas abstrativas de que fala Angelelli são como filtros, nos quais, o que não se necessita, numa determinada investigação, é deixado de lado, estando isso expresso em enunciados. Por outro lado, pelo processo abstrativo, à maneira de Locke, forma-se uma ‘entidade’ ou uma idéia geral abstrata, que será conteúdo das proposições e isso, na visão de Allan, não o faz Aristóteles na investigação do ser enquanto ser¹⁰.

Desse modo, se se considerar o aspecto de que, na investigação metafísica, não está tematizado o ser particular ou até mesmo as particularidades do ser, mas apenas o ser *enquanto ser*, ou seja, enquanto existente, essa seria então uma forma de abstração. Abstração porque, segundo Angelelli, 1) retrai algo (*a* existência) e prescinde de outros; 2) nos enunciados, ocultam-se o ser particular e as particularidades dos seres que existem e 3) há, por conseqüência, uma técnica abstrativa neste itinerário.

Assim, o produto da investigação não é uma ‘entidade’ ao modo lockiano, mas uma visão global do ser. A visão compreensiva de ser seria

⁹ “[...] técnicas sistemáticas abstrativas (por ejemplo la “reduplicación”, o sea el uso de frases como “qua”, “en cuanto”, [...] tienen el efecto de filter out, como muy bien dice Lear, a los predicados de que se quiere abstraer) (ANGELELLI, p. 4).

¹⁰ Há, portanto, perspectivas diferentes entre Angelelli e Allan. Angelelli está preocupado com as bases ou os critérios para falar de uma verdadeira abstração; e nessa avaliação, ele chega a considerar Aristóteles e Locke dentro da mesma tradição porque ambos, de alguma maneira, procedem abstrativamente, segundo os referidos critérios. Já Allan, como metafísico, preocupa-se com o conteúdo da abstração e aí, ele diferencia Locke de Aristóteles. Segundo Allan, o procedimento lockiano forma uma idéia geral de ‘entidade’. Para Locke, as idéias são conteúdos do pensamento, expresso em palavras, sendo 1) um modo de conceber a coisa e 2) objetos o pensamento que, por sua vez, são aspectos das coisas tais como capturadas; por outro lado, Aristóteles buscaria, segundo Allan, uma visão compreensiva ou global de ser, quando da abstração, não sendo, portanto, uma idéia de ‘entidade’.

possibilitada pelo processo abstrativo que trataria de todo o ser; ‘todo o ser’ significa, entretanto, considerá-lo na *existência enquanto tal*, e não neste ou naquele existente (significaria dizer que, na investigação da realidade *enquanto tal*, o que é tratado de fato é a substância). Se, na concepção de Angelelli, a abstração estabelece uma abordagem caracterizada pela seleção de enunciados e não uma idéia geral de ‘entidade’ como o faz Locke, na visão de Allan, a interpretação deste processo de abstração é de “[...] que esta consiste em que, mediante uma força especial do entendimento, de algo particular em si estruturado polifaceticamente se tira algo através do qual esse ente particular recebe sua essência e sua inteligibilidade” (MALTER¹¹, 1977, p. 37)¹².

Angelelli, portanto, pretende mostrar o caminho que uma tradição, da qual Aristóteles percorre parte, faz para ter uma genuína abstração. Allan, por sua vez, pretende sublinhar a intenção aristotélica de ter uma visão compreensiva de ser. Os dois estudam “o ser”. Não este ou aquele ser, entretanto, ambos fazem um caminho de acordo com o que pretendem tematizar em Aristóteles: um a dimensão gnoseológica, outro a metafísica. Os dois podem se complementar, à medida em que Allan não está preocupado com o caminho para chegar a uma “visão global”. Já Angelelli tem a preocupação de descrever o caminho, mas não o seu resultado em nível metafísico. Allan então contribui para a investigação que aqui se faz, quando ratifica a pretensão aristotélica (descrita por Angelelli) de se ocupar do ser e não deste ou daquele ser em particular.

O processo abstrativo é, então, como um ‘filtro’ em que são retidos os elementos que se pretendem estudar ou analisar; essa retenção está evidente nos enunciados e há uma técnica para esse processo, como foi visto¹³. A partir, especialmente, das três características da abstração elencadas por Angelelli, que estão presentes em Aristóteles, pode-se agora estabelecer qual é o objeto da metafísica.

¹¹ Malter distingue, percorrendo a história da filosofia, duas maneiras de interpretação do processo de abstração: o primeiro o já citado (Aristóteles e Tomás de Aquino) e, o segundo que, embora fazendo caminho inverso tem o mesmo ponto de partida e de chegada. Nesta segunda interpretação da abstração, destaca-se Kant que, segundo Malter, “[...] la define [a abstração] como um acto de negación, como um prescindir de las notas especiales de lo dado, a lo que se refiere el entendimiento que niega las notas especiales” (MALTER, 1977, p. 37). Porém, “En ambos os casos lo que se logra en la abstracción es algo general, y la abstracción es aquí según su función epistemológica el órgano de la formación de conceptos generales o de algo concreto” (MALTER, 1977, p. 37). Assim o ponto de partida é sempre uma realidade concreta e o ponto de chegada é sempre a elaboração de conceitos gerais, mesmo que, com técnicas diferentes.

¹² “[...] que ésta consiste en que, mediante una fuerza especial del entendimiento, de algo particular em si estruturado polifaceticamente se saca algo a través de lo cual esse ente particular recibe su esencia y su inteligibilidad” (MALTER, 1977, p. 37)..

¹³ Ao afirmar a existência lógica do Universal em referência à pluralidade do que vemos e experienciamos Spinelli diz: “A ciência, para ele [Aristóteles], faz-se por amostra: na medida em que conhecemos uma determinada coisa (enunciamos ou dizemos que sabemos algo sobre ela), assim procedemos em referência a uma certa pluralidade” (1997, p. 348).

SER ENQUANTO SER: O OBJETO DA METAFÍSICA

Para melhor compreender o procedimento de Aristóteles ao delimitar o objeto da metafísica, pode-se dizer que, ao tratar da filosofia aristotélica da matemática, buscava-se, além de diferenciar uma abordagem matemática da física, elencar algumas noções do que a expressão “enquanto” significa, quando usada pelo Filósofo. Naquele contexto, segundo Lear

Aristóteles serve-se do operador *enquanto* para prover uma ponte entre triângulos de bronze e triângulos geométricos [este é o exemplo usado para explicar essas noções]. Isso garante, para ele, a aplicabilidade da matemática: para que a matemática resulte aplicável ao mundo tem que reproduzir traços estruturais que se encontram (ao menos em algum grau aproximado) no mundo físico (LEAR, 1994, p. 278)¹⁴.

Na análise metafísica da realidade, objetivo deste estudo, o termo “enquanto” provê também de alguma maneira uma ponte entre as coisas existentes e a consideração da existência enquanto tal e, disso, resulta sua aplicabilidade na compreensão da ampla estrutura da realidade e também sua importância e primazia na referida compreensão.

Partindo do fato de que o investigador, pelo processo de abstração, “deixa de lado” certos aspectos da realidade para considerar outros em profundidade, por meio das três características básicas vistas anteriormente, pode-se dizer que:

mais do que se centrar unicamente nos aspectos concretos da realidade – por exemplo, os céus ou os organismos vivos, como fazem as ciências da astronomia e da biologia – o homem pode fazer também abstração de todas as propriedades concretas que fazem das coisas as coisas que são e considerá-las meramente como coisas existentes. O desejo de compreender impulsiona o homem desde as primeiras explorações de seu entorno imediato a uma busca de explicações de por que o mundo é como é, à compreensão, finalmente, de que o homem pode transcender a explicação deste

¹⁴ Aristóteles se sirve del operador en cuanto para proveer de un puente entre triángulos de bronce y triángulos geométricos [este é o exemplo usado para explicar essas noções]. Esto asegura, para él, la aplicabilidad de la matemática: para que la matemática resulte aplicable al mundo tiene que reproducir rasgos estructurales que se hallan (al menos en algún grado aproximado) en el mundo físico (LEAR, 1994, p. 278).

ou aquele fenômeno e começar a investigar a ampla estrutura da realidade (LEAR, 1994, p. 279)¹⁵.

Disso, resultam dois aspectos importantes que convêm salientar: primeiro, há uma investigação que busca compreender o mundo imediato que se apresenta aos olhos humanos e, segundo, quando o homem transcende isso, ele passa a tratar da ampla estrutura da realidade: é esta a investigação metafísica. Na delimitação deste trabalho, a metafísica é definida como ciência do *ser enquanto ser*. O primeiro “ser” da expressão, nesse contexto, indicaria então o domínio de estudo: as coisas existentes e o “enquanto ser”, a peculiaridade do existir das coisas¹⁶, objeto da Filosofia Primeira, ou seja, a existência enquanto tal. Barnes, referindo-se a isso, afirma:

A expressão “o ser *qua* ser” traz em si um tom agradavelmente esotérico, e alguns estudiosos a transformaram em algo enigmático e absurdo. Na realidade, Aristóteles não se refere a nenhuma coisa enigmática nem estranha. “O ser *qua* ser” não é um tipo especial de ser; na verdade, não existe de modo algum um *ser-qua-ser*. Quando afirma que há uma ciência que estuda o ser *qua* ser, Aristóteles diz que há uma ciência que estuda os seres, e ela os estuda *qua* seres [existentes], isto é, uma ciência que estuda as coisas que existem (e não alguma coisa abstrata chamada “ser”) e as estuda *qua* existentes (BARNES, 2001, p. 46).

A Filosofia Primeira estudaria os entes, portanto, os seres enquanto existem. Estuda os existentes enquanto existem. A investigação metafísica prescinde de elementos que não intervêm na compreensão da existência por si mesma. Compreender a existência, enquanto tal, mesmo sendo próprio de tudo que existe, é o objetivo da metafísica. A denominada investigação não considera a existência *do* homem chamado Pedro, por exemplo, mas *a* existência e *na* existência, estão incluídos os milhões de homens, os inumeráveis animais, as incontáveis espécies e variedades de plantas que existem. Desse modo,

¹⁵ Más que centrarse únicamente en aspectos concretos de la realidad – por ejemplo, los cielos o los organismo vivos, como hacen las ciencias de la astronomía e de la biología – el hombre puede hacer también abstracción de todas las propiedades concretas que hacen de las cosas las cosas que son y considerarlas meramente como cosas existentes. El deseo de comprender impulsa al hombre desde las primeras exploraciones de su entorno inmediato a una búsqueda de explicaciones de por qué el mundo es como es, a la comprensión, finalmente, de que el hombre puede trascender la explicación de este o aquél fenómeno y empezar a investigar la amplia estructura de la realidad (LEAR, 1994, p. 279).

¹⁶ Spinelli faz uma distinção entre “Ente” e “Ser” ao afirmar que “Ente” trata do existir ou da existência e o “Ser” dos modos de existir e de existência. Desse modo, *Ente* e *Ser* não são substâncias das coisas; tomados univocamente, expressam a existência em geral, mas sem acrescentar, todavia, nenhuma determinação predicativa ao que *é* ou *existe* enquanto tal (cf. 1997, p. 339).

[...] estudar uma coisa *qua* existente é estudar precisamente as características da coisa que são relevantes para sua *existência* – e não nenhuma das muitas outras características da coisa –, ou seja, é estudá-la em sua condição existencial. Todo aquele que não estuda ficções estuda “seres”, coisas que existem; o estudioso do ser *qua* ser estuda precisamente os aspectos das coisas existentes que lhe pertencem em virtude do fato de existirem (BARNES, 2001, p. 46-47).

No texto *Metaphysics*, Barnes afirma que o verbo inglês “to be” tem um significado próximo a existir. O primeiro termo da expressão, “beings”, seria um termo que trataria dos existentes e não especificaria a peculiaridade da investigação devendo, portanto, ser traduzido no plural (entes). Já o segundo termo “being” denota a maneira como os entes vão ser tratados, qual seja: enquanto existem. A tradução correta da expressão seria, então: “os entes enquanto (*qua*) ente”. O “*qua* being” não modifica o “beings”, mas refere-se ao modo como vão ser investigadas as entidades (beings); assim “[...] estudar “entes *qua* ente” simplesmente é estudar aqueles atributos que valem de entidades em virtude do fato de que elas são entidades” (BARNES, 1995, p. 71)¹⁷. Então, se “entes *qua* ente” fosse formalizada em $Fs \text{ qua } G$, Fs seria o domínio de estudo (todas as coisas que existem) e G , o foco de estudo específico da metafísica (as coisas que existem *enquanto existentes*) (BARNES, 1995, p. 69).

A definição completa diz: “Existe uma ciência que considera o ser enquanto ser *e* as propriedades que lhe competem enquanto tal” (ARISTÓTELES, 2002b, p. 131 - grifo nosso). Na definição, a conjunção “e” salienta os atributos que, como tal, correspondem à investigação metafísica. Desse modo, tendo em conta a peculiaridade da abordagem metafísica que difere da efetuada pelo matemático ou pelo físico. Pode-se dizer que esta se ocupa *da* existência, mas não *dos* existentes no que eles têm de particular, ou seja, este ou aquele existente. Assim, esta investigação, nesse sentido, é sumamente geral. Para Barnes (1995, p. 69), o “e” da fórmula tem uma função específica, é um aposto (“ou seja”). Portanto, a expressão completa ficaria assim: “Existe uma ciência que considera o ser enquanto ser, ou seja, as propriedades que lhe competem enquanto tal”.

Outro estudioso da obra de Aristóteles, já citado que, recentemente, publicou um pormenorizado estudo da *Metafísica* é Giovanni Reale¹⁸. Reale se caracteriza por nuances diversas das de Lear e Barnes (ARISTÓTELES,

¹⁷ “To study beings *qua* being simply is to study those attributes which old of entities in virtue of the fact that they are entities” (BARNES, 1995, p. 71).

¹⁸ Em Aristóteles (2002), composta de 3 volumes; destaca-se o volume I “Ensaio introdutório” e o III “Sumário e comentários” em que o italiano defende sua posição.

2002c, p. 151-152; 2002a, p. 39-41). Ele enfatiza mais a totalidade da investigação metafísica no decorrer de sua interpretação. A metafísica não se ocupa de *uma parte do ser, mas de todo o ser*: “[...] a ciência do ser tem como objeto de investigação a *realidade, não considerada enquanto esta ou aquela realidade particular, mas considerada em si mesma, justamente enquanto realidade: a realidade enquanto realidade ou o ser enquanto ser*” (ARISTÓTELES, 2002c, p. 151). E Reale segue esclarecendo sua concepção:

As expressões “realidade enquanto realidade” ou “o ser enquanto ser” indicam – pelo menos num primeiro significado – *a totalidade da realidade e do ser*, em contraposição às “partes” ou aos “setores” dele; indicam não uma determinada parte da realidade ou um gênero de ser, mas toda a realidade e todo o ser. Todavia, com isso permanece ainda indeterminado o que significa, precisamente, *estudar ou ter a ciência da realidade em sua totalidade, do ser enquanto ser*. Pois bem, [...] Ciência é o conhecimento do porquê, das causas e dos princípios. Ciência do ser é, portanto, *ciência do porquê, das causas e dos princípios do ser* (ARISTÓTELES, 2002a, p. 40).

No entender de Reale há, pois, uma estreita conexão entre a ontologia (ciência do ser) e a aitolgia (doutrina das causas e dos princípios). E o nexo é pelo fato de que

[...] justamente porque os princípios buscados pela “sophia” são *primeiros e supremos*, eles são princípios *totalmente* condicionantes e, portanto, capazes de explicar, não esta ou aquela (particular) realidade, mas *a realidade no seu conjunto, isto é, toda a realidade, todo o ser ou, como diz Aristóteles, o ser enquanto ser* (ARISTÓTELES, 2002c, p. 152).

A tese fundamental, defendida por Reale, é a de que a investigação metafísica fornece ao filósofo a compreensão de toda a realidade (e não “partes” dela). A partir desse pressuposto, ele argumenta a favor da conexão entre ontologia e aitolgia para dizer que, embora sendo diferentes, essas concepções de metafísica fornecidas pela obra conservam sua unidade: a preocupação com um saber universal.

Por esses elementos, constatam-se algumas especificidades entre os diversos intérpretes dos textos aristotélicos. Há algumas divergências porque não é a mesma coisa dizer que a Filosofia Primeira estuda “toda a

realidade” e dizer que ela estuda “os entes enquanto existem”. Entretanto, é lícito dizer da Filosofia Primeira que seu objeto de estudo abrange todas as coisas e todas as coisas existentes (não abrange especificamente uma); é também uma investigação que abstrai da realidade aqueles aspectos que lhe importam na investigação, mas que têm como ponto de partida a própria realidade: Aristóteles assim procede porque seu objetivo é compreender a ampla estrutura da realidade. E é, pois, nesse contexto que a Filosofia Primeira ocupa lugar importante em toda a obra do Filósofo: ela possibilita uma compreensão de unidade na diversidade ou identidade na multiplicidade visível que é a natureza. Na análise dos comentadores, pois, uma coisa é clara: a expressão “ser enquanto ser” não se refere a algo distinto, ou separado da realidade, como a teoria platônica; é, entretanto, estrutura da realidade, é a realidade apenas considerada de um modo especial (metafísico), diferente das demais ciências.

O caminho feito por cada comentador apresenta particularidades e “olha” a obra aristotélica a partir de um ponto. Não necessariamente melhor ou pior, mas um ponto. A própria organização dos conteúdos deixa transparecer tal posição. Em sua obra, Lear pretende defender a tese de que há um fio condutor na obra aristotélica; e esse fio condutor é o desejo de compreender, comum a todos os homens, que é a parte de abertura da obra *Metafísica*. Sua preocupação é especificar o modo de abordagem, próprio da Filosofia Primeira e de cada ciência particular; assim a análise do ser, enquanto tal, está centrada, particularmente, no termo “enquanto” porque esse diz do modo de abordagem singular, próprio da Filosofia Primeira. O termo “enquanto” é o filtro que acena para o modo como investigar os existentes, qual seja: na existência. Esse filtro é o que, comumente, se chama de abstração. Abstração é um modo de abordagem da realidade que, em nome de um objetivo, alguns aspectos desse algo que se quer estudar são ‘retidos’ e, por conseqüência, os demais são deixados de lado, não, porém, negados. A partir desse ponto, ele chega a considerar a metafísica como a mais universal das ciências por abordar a ampla estrutura da realidade.

Barnes (2001), por sua vez, no capítulo 6 da obra “Aristóteles”, situa o estudo do *ser enquanto tal* dentro da ciência teórica¹⁹ que estudaria as causas e os princípios das coisas. Procede, posteriormente, um estudo dos significados dos termos da fórmula, centrando-se, especialmente, no significado do verbo “ser”, para dizer depois que a filosofia é primeira porque, justamente, a mais universal e que é teologia por ser *primeira*, ou seja, ao se estudarem as substâncias primeiras das coisas existentes, estudam-se todos os existentes *qua* existentes. A sistematização posterior

¹⁹ No capítulo “A estrutura das ciências”, Barnes, a partir de Aristóteles, divide as ciências em *teórica, prática e produtiva* e, no interior das ciências teóricas, haveria então a teologia, a matemática e a ciência natural, mas a ciência mais importante é a teologia que, por sua vez, se subdivide em metafísica e lógica (2001b, p. 43-49).

aponta para a relação da metafísica e a lógica, motivo de divergências entre os sucessores de Aristóteles, mas que, segundo Barnes, afirmaria a lógica *tanto* como uma parte e *como* um instrumento da filosofia. Seguindo esse raciocínio, na alegação de Aristóteles, aquele que estudar o “ser *qua* ser” estudará, por consequência, os axiomas matemáticos ou os princípios de dedução, visto serem próprios de tudo que existe e não de uma coisa em particular (BARNES, 2001, p. 48). O ponto importante, salientado por Barnes na fórmula, é o fato de ela especificar a condição (a existência enquanto tal) que a metafísica abordaria.

O itinerário feito por Giovanni Reale é também, por sua vez, diferente. A investigação metafísica é o conhecimento mais universal porque estuda o ser *enquanto tal*. O ponto de partida de Reale é a totalidade da metafísica (ser *enquanto ser*). Ela é assim porque interroga pelas causas e princípios, porque é ciência que procura saber o porquê, a razão de ser de todas as coisas e não de uma coisa em particular. “Ser enquanto ser” indica “a totalidade da realidade e do ser” (ARISTÓTELES, 2002a, p. 40) e não uma realidade ou um ser particular. Dos significados de “ser”, a substância é o principal e o fundamento das outras acepções, logo, primordialmente, a metafísica estuda a substância. Entretanto, a substância em si e por si, em última instância é Deus; Deus é a causa e o princípio de todas as coisas, assim, a metafísica é, eminentemente, teologia.

O modo de proceder de Reale indica uma preferência à consideração totalizante da metafísica visto que ele enfatiza mais esse aspecto da referida ciência. Lear e Barnes centram-se mais na análise das partes da expressão, para depois, considerar a Filosofia primeira como a mais abrangente quanto ao conteúdo das ciências. Reale, entretanto, faz um itinerário diverso, sua preocupação é sempre salvar a totalidade da investigação²⁰ e, por consequência, do saber metafísico e, nesse contexto, situa-se a fórmula “ser enquanto ser” (o segundo “passo” dos quatro existentes, antes de chegar à teologia). Mas os diferentes caminhos tornam as referidas análises diferentes, todas tratando, entretanto, da existência das coisas. O que é comum, na interpretação dos comentadores, é o fato de Aristóteles buscar um saber universal e o mais geral possível, mas eles falam de maneiras diferentes da existência das coisas. A diferença, na maneira de estudar a realidade de Lear e Barnes, ressalta o objeto e o modo de abordagem próprio da metafísica: a realidade desde um ponto de vista, a saber: os atributos da existência; já

²⁰ Esta preocupação de Reale talvez seja uma influência de Platão. Mesmo depois de dedicar os maiores estudos a Aristóteles, diz na *Advertência* do primeiro volume da trilogia, que Platão continua sendo sempre seu filósofo predileto (ARISTÓTELES, 2002a). Diz ainda alhures (Cf. 1993, p. 1-5) que o problema filosófico nasceu com os gregos com a tentativa de apreender e explicar o todo ou a totalidade das coisas. E ele, com uma posição teórica neoclássica, afirma que, ao invés de ser aristotélico-tomista, simpatiza mais com as posições de Platão, de Plotino e de Agostinho, pelo menos no fato, de como esses filósofos põem e resolvem os problemas e não às suas soluções particulares.

Reale enfatizando a noção de totalidade da referida investigação não chega a considerar, pormenorizadamente, o “enquanto ser” da fórmula que enfatiza a existência das coisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sua obra *Metafísica*, Aristóteles define a Filosofia Primeira em pelo menos quatro momentos distintos. Dentro dessas definições, situa-se a definição de metafísica como a ciência do *ser enquanto ser*; objeto especial desta pesquisa. Assim, quando nos detemos sobre essa definição cumpre saber que processo está envolvido na ‘descoberta’ de seu objeto de investigação e qual o significado dessa expressão (seu objeto de estudo).

Entendemos, portanto, que a abordagem aristotélica tinha uma característica: uma verdadeira abstração que, de acordo com os critérios de Angelelli, davam-lhe os elementos (mesmo que não todos) para qualificá-la como “verdadeira”. Verdadeira porque retém algo, estando isso expresso em enunciados provindos de uma técnica própria. Isso foi reforçado pela acentuação da abstração como uma visão compreensiva de ser, segundo Allan.

Partindo de Aristóteles, analisamos também as diferentes acentuações dadas pelos comentadores (Barnes, Lear, Reale, principalmente) à expressão, pressupondo com isso que uma determinada acentuação apontaria talvez para os possíveis objetivos, expressos ou não, de tais comentadores na definição do objeto e do método da investigação aristotélica. Nesse contexto, o primeiro “ser” da expressão não é o ser entendido nas diversas acepções de ser (ato e potência, acidente e verdadeiro) e o segundo não é o ser entendido como substância ou vice-versa. Mas do primeiro “ser” se diz que ele se refere a todas as coisas existentes e o “enquanto ser”, *à existência enquanto tal*, ou seja, não a este ou aquele existente, mas *à existência*. Estudar o *ser enquanto existente* seria então estudá-lo nas características que são relevantes para sua existência.

Reconhecemos que, no decorrer de todo o percurso feito, outros elementos importantes foram surgindo que, embora não sendo totalmente alheios à pesquisa, por brevidade de espaço e de tempo e, também por prudência, foram apenas acenados; porém, parece-nos, não interferiram na compreensão do caminho feito. É talvez importante dizer novamente que nosso único objetivo foi o de compreender o real significado da expressão “ser enquanto ser”: determinar a que se refere e como se chega a isso. É, portanto, certamente o início de um longo percurso para chegar a uma visão geral de toda a obra aristotélica.

Aristóteles, certamente, não está somente preocupado com questões metafísicas, mas também com aquelas que dizem respeito à biologia, à

matemática, à astronomia, à ética, à política, etc., entretanto, seguramente, a chave de compreensão de toda a sua obra é a metafísica porque esta possibilita, entre outras coisas, uma compreensão da ampla estrutura da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN, D. J. **A filosofia de Aristóteles**. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

ANGELELLI, Ignacio. Abstracción y pseudo-abstracción en la historia de la lógica. In: LASSALE CASANAVE, Abel (org.). **Filosofia das ciências formais no Conesul** [em preparação].

ARISTÓTELES. **Obras. Poética. Retórica. Lógica. Física. Metafísica. Tratados de ética. Política: Constituição de Atenas**. Trad. Francisco de P. Samaranch. Madrid: Aguilar, 1964.

_____; GARCÍA YEBRA, Valentin (ed.). **Metafísica**. 2ª ed. Madrid: Editorial Gredos, 1990. Edição trilingüe: espanhol, latim, grego.

_____. **Metafísica**: Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002a, v. 1.

_____. **Metafísica**: Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002b, v. 2.

_____. **Metafísica**: Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002c, v. 3.

_____. Metaphysics In: BARNES, Jonathan (ed.). **The Cambridge Companion to Aristotle**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. Trad. Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2001.

BITTAR, Eduardo C. B. **Curso de filosofia aristotélica**: leitura e interpretação do pensamento aristotélico. Barueri, SP: Manole, 2003.

LEAR, Jonathan. **Aristóteles**. El deseo de comprender. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

MALTER, Rudolf. Abstracto. In: KRINGS, Hermann; *et al.* **Conceptos fundamentales de filosofía**. Barcelona: Editorial Herder, Tomo I, 1977.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia.** São Paulo: Loyola, Tomo III, 2001a.

ROSS, David. A metafísica de Aristóteles. In: ARISTÓTELES. **Metafísica.** Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

SPINELLI, Miguel. **Filosofia e ciência.** Análise histórico-crítica da filosofia: de Pitágoras a Descartes. São Paulo: EDICON; Santa Maria: UFSM, 1990.

_____. O exame de Aristóteles da proposição ontológica de Parmênides. In: **Revista portuguesa de filosofia.** Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, Tomo III, ano 53, n. 2, 1997, p. 323-349.